

Nardini pára de investir e parte para o processo de "enxugamento"

JORGE ABDUCH

No início da década, com pedidos em carteira e a demanda aquecida, a Nardini, uma tradicional indústria de máquinas-ferramentas instalada em Americana, chegou a manter um quadro funcional de 2.300 operários. No ano seguinte, em meio a uma das mais profundas recessões já vividas pelo País, foi obrigada a reduzir drasticamente o número de empregados: apenas 650 ficaram na empresa.

Hoje, depois de ter recuperado em parte o nível de emprego — no mês passado a Nardini empregava 1.870 funcionários —, o problema volta a se repetir. E de acordo com o presidente da Nardini, Bruno Nardini Feola, a expectativa é de que a crise possa vir a ser ainda mais grave que a de 81/83, caso não haja reversão no quadro econômico nacional.

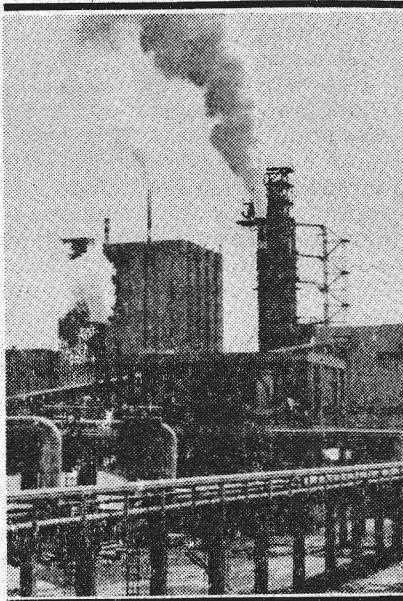
Bruno Nardini explica que naquela época a recessão atingiu mais duramente os países em desenvolvimento, mas em especial os mais dependentes de petróleo, devido à brutal elevação de preços, provocando também a crise financeira internacional. A política econômica de então era bem clara: conter a demanda interna e estimular as exportações. O câmbio era favorável e justificava o esforço das empresas brasileiras de conquistar novos mercados, ainda que para isso houvesse algum prejuízo nas primeiras vendas, explica ele.

Com o aumento substancial nas vendas externas, principalmente para o mercado norte-americano, cuja economia voltava a crescer, o Brasil iniciou sua recuperação. As empresas exportadoras retomaram as contratações, os salários puderam crescer acima dos índices de inflação e a demanda foi reaquecida.

Termômetro da indústria, o setor de máquinas-ferramentas — o ponto

inicial da produção, que fabrica "a máquina que faz máquinas" — já mostrava, em fins de 1984, sinais positivos da economia, melhores a cada mês. E a Nardini, nessa ocasião, conseguiu recuperar parcialmente seu nível de produção.

Com o Plano Cruzado, que Bruno Nardini afirma ter tido, pelo menos, o mérito de mexer com a mentalidade dos brasileiros, dando-lhes



consciência de seus direitos e do potencial do mercado brasileiro, a empresa, como a maioria dos setores industriais, atingiu picos de produção próximos do limite de sua capacidade.

"Tínhamos problemas de preço, matérias-primas e até mesmo de mão-de-obra; brigávamos para manter nossos funcionários, que podiam escolher onde trabalhar", conta ele.

O mesmo termômetro da indús-

tria, no entanto, começa a dar sinais preocupantes, de queda acentuada nas vendas. A indústria praticamente parou de investir e, sem ter para quem vender, retoma o processo de enxugamento. "Se a crise continuar se aprofundando, teremos de rever toda nossa estrutura, desde os produtos até o quadro de funcionários", afirma o presidente da Nardini, revelando que em parte isso já vem acontecendo. Do início de maio até agora, revela Bruno Nardini, a empresa já reduziu seu número de postos de trabalho de 1.870 para 1.700, ou seja, aproximadamente 10%.

O empresário antevê, no entanto, problemas muito mais sérios que os enfrentados em 81, 82 e 83: "A defasagem que temos hoje no cruzado, em relação ao dólar, ainda é grande e não nos permitirá manter as exportações com a queda ocorrida no mercado interno, porque perdemos os ganhos de escala", frisa ele.

Dessa forma, a desvalorização cambial terá de ser até maior do que seria necessário antes, "para garantir a competitividade de nossos preços, já que temos qualidade e tecnologia para concorrer com os países industrializados".

O retorno à recessão, que nessas condições tende a se agravar, tem, para Bruno Nardini, dois aspectos extremamente preocupantes: o primeiro deles é o sucateamento do parque industrial brasileiro e a perda de tecnologia e competitividade.

O segundo, ainda mais grave, é o reflexo social. "Durante os últimos anos, a realidade política brasileira mudou; o País se redemocratizou e as pessoas se habituaram a manifestar suas opiniões. Além disso, os trabalhadores tomaram consciência de seus direitos mais elementares, de trabalhar, de consumir e de viver com dignidade, e não aceitarão essa nova situação", diz ele.